

A CIÊNCIA DA LEITURA – PRÁTICAS LITERÁRIAS DE ZERO À CEM

Giselle Sapienza, Colégio Parthenon Bom Clima, gasapienza@parthenonplus.com
Adriana Biasotto, Colégio Parthenon Bom Clima, abiasotto@parthenonplus.com

EIXO TEMÁTICO – PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

RELATO DE PRÁTICA

A literatura costuma ser associada à imaginação, à arte e à sensibilidade. No entanto, diferentes campos do conhecimento têm evidenciado que o contato com a linguagem, as narrativas e os livros desempenha papel fundamental no desenvolvimento humano. Nesse sentido, a experiência literária pode ser compreendida também à luz da ciência, especialmente quando relacionada aos estudos sobre desenvolvimento infantil, linguagem e funcionamento do cérebro leitor. Pesquisas sobre o desenvolvimento humano indicam que as primeiras experiências linguísticas começam ainda na gestação. O bebê passa a reconhecer ritmos, entonações e padrões sonoros, especialmente a voz da mãe, constituindo um primeiro ambiente de linguagem que favorecerá vínculos e aprendizagens futuras. Conforme discutido por Diane Papalia em *Desenvolvimento Humano*, os primeiros anos de vida são determinantes para a formação de estruturas cognitivas, emocionais e sociais que acompanharão o sujeito ao longo da vida. Sob a perspectiva da neurociência, aprender a ler envolve uma reorganização de circuitos cerebrais originalmente destinados a outras funções. O neurocientista Stanislas Dehaene explica em *Os Neurônios da Leitura* que a leitura é uma invenção cultural relativamente recente e que o cérebro precisa construir conexões entre visão, linguagem e memória para que o processo leitor aconteça. Nesse percurso, experiências precoces com histórias, imagens e livros contribuem para a formação do chamado “cérebro leitor”. Assim, a literatura não começa apenas quando a criança aprende a decodificar letras, mas sim quando participam de práticas leitoras muito antes da alfabetização, construindo sentidos por meio da escuta, da observação e da interação com o outro. Os recentes

estudos sobre Literatura de Berço destacam, que o contato com livros desde os primeiros anos, favorece o desenvolvimento da linguagem, da imaginação e dos vínculos afetivos. É nesse contexto que se insere o trabalho desenvolvido na sala de leitura da escola, onde semanalmente crianças de um ano e meio a sete anos participam de mediações literárias. Os encontros buscam criar um ambiente de escuta e descoberta, no qual o livro se apresenta como objeto cultural e como experiência compartilhada. Em um desses momentos, após a leitura coletiva, as crianças participaram de um tempo que chamamos de leitura autônoma, no qual podem circular pelo espaço e explorar livremente os livros do acervo. Uma das crianças — que aqui chamaremos de B — aproximou-se do expositor e escolheu o livro Samira e os Esqueletos. Ao observar a capa, arregalou os olhos e afirmou que estava com medo, pois havia um “monstro” na imagem. O monstro, na verdade, era um esqueleto. Sentamos juntas e começamos a conversar sobre a história, sobre as personagens e sobre aquilo que ela estava observando. Aos poucos, a criança foi reorganizando suas impressões iniciais, olhando novamente para as imagens e buscando compreender o que via. Alguns minutos depois, ao entrar outra professora na sala, B correu até ela com o livro nas mãos. Mostrou as ilustrações, contou o que tinha percebido e relatou toda a situação desde o início. Esse pequeno episódio revela aspectos importantes da experiência literária: o livro provoca emoções, desperta interpretações, mobiliza a linguagem e convida à partilha. A criança não apenas ouviu uma história, mas apropriou-se dela a ponto de querer narrá-la novamente a outra pessoa. Nesse movimento, literatura, linguagem, emoção e cognição aparecem profundamente entrelaçadas. Além das atividades com as crianças, a literatura também está presente em momentos institucionais, como: formação de professores e encontros com as famílias. Em algumas reuniões, a leitura de um livro literário inaugura a conversa. O gesto simples transforma o ambiente: o ritmo desacelera, a escuta se estabelece e os adultos se permitem experimentar aquilo que as crianças vivenciam com frequência — o encontro com uma história. Para isso, investimos um tempo de pesquisa, determinação a intenção pedagógica, selecionamos algumas obras, lemos, releamos, prevemos como o momento acontecerá, além de pensar sobre o espaço onde essa leitura acontecerá, afinal como ressalta o professor catedrático

Miguel Zabalza, o espaço também educa, assim como faz a linguagem ou as relações interpessoais. Atua como marco de condições, tem capacidade para facilitar, limitar e orientar tudo o que se faz na escola de Educação infantil. Quando esses adultos percebem-se acolhidos e inseridos neste contexto, podemos identificar vários sinais de sua relação com a leitura/literatura. Observamos a movimentação de seu corpo, as reações de sua fisionomia, manifestações de emoções e também relatos sinceros sobre como foi a experiência. São momentos muitíssimo valiosos em uma sociedade inundada por leituras rápidas e superficiais, geralmente em telas, pouco complexas e esvaziadas de significado.



Práticas no espaço da sala de leitura



Leitura de acolhimento em encontro com as famílias

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas experiências reforçam a compreensão de que a literatura atravessa toda a vida. Pode começar ainda no útero, acompanhar a infância na descoberta do mundo simbólico, atravessar a vida adulta como forma de interpretação da realidade e permanecer na velhice como espaço de memória e imaginação. Assim, promover encontros entre leitores e livros desde cedo não é apenas uma escolha pedagógica, trata-se também de uma prática que dialoga com diferentes campos científicos que evidenciam a importância da linguagem, da experiência simbólica e da interação humana para o desenvolvimento. Se diferentes campos científicos apontam que a linguagem e os vínculos começam a se formar ainda na vida intrauterina e continuam a se transformar ao longo de toda a existência, a literatura pode ser compreendida como uma experiência que acompanha esse percurso. Do ventre às muitas etapas da vida, as histórias nos ajudam a organizar emoções, imaginar mundos e compartilhar sentidos. Nesse caminho, talvez a melhor orientação seja simples: literatura não tem idade mínima nem limite de uso — quanto mais cedo começa e quanto mais tempo permanece, maiores são seus efeitos, afinal o cérebro é responsável pela forma como processamos o conhecimento, ampliamos as habilidades de linguagem e selecionamos o comportamento. Como afirmam Cosenza e Guerra na obra *Neurociência e Educação*, compreender o funcionamento do cérebro e as estratégias que favorecem seu desenvolvimento é do interesse dos educadores (professores, pais e todos os envolvidos no desenvolvimento de outras pessoas).

REFERÊNCIAS

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura**: como a ciência explica a nossa capacidade de ler, 2012.

PAPALIA, Diane E. FELDMAN, Ruth D. **Desenvolvimento Humano (12º)**, 2013.

CARVALHO, Ana Carolina. BAROUKH, Josca Ailine. **Ler antes de saber ler**, 2018.

COSENZA, Ramon M. GUERRA, Leonor B. **Neurociência e Educação**: como o cérebro aprende, 2011.